

# humanitas

**Vol. XXXIX-XL**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

orações recolhidas da Virgem mística!». Entretanto, são os tons da dor os preferidos pelo Padre Donaciano para falar de Maria nos seus sermões. Ainda que não sejam especificamente dedicados à Mater Dolorosa, quem surge é «a Virgem Roxa da História com o Sete Estrela de espadas no seu peito, de pé no meio da catástrofe que lhe arrebatou a vida do seu Deus». São imagens eminentemente plásticas as que Donaciano de Abreu Freire usa quando se refere a Nossa Senhora, como o são também as referentes à primeira Grande Guerra, outro assunto constante nos textos do autor.

Inúmeros são os sermões que a evocam: o de Nossa Senhora de Entre-Águas, o da missa nova do Padre Boaventura de Matos, os do «Mandato», o de Nossa Senhora do Carmo, o dedicado a Nossa Senhora da Vitória. Não se pense, no entanto, que a guerra é o *leitmotiv* das pregações. Antes, é pela óptica do Cristianismo que o Padre Donaciano a vê, como, por exemplo, nas palavras ditas em louvor de São Sebastião, na festa promovida pelos reservistas de Arouca.

Outra característica retórica é o gosto pela enumeração, de que a oração gratulatória, proferida no solene *Te Deum* pela restauração do bispado de Aveiro, é texto exemplar. Poder-se-ia dizer que o Padre Donaciano é, além de um bom expositor de ideias, um criador de ambiências. Na alocução proferida na primeira comunhão da sua sobrinha, mais do que falar à menina do significado do sacramento, ele exorta-a a pedir a salvação.

Associando sempre a fé e a doutrina cristã ao momento que vive, o orador aproveita a oportunidade de pregar na capela de Nossa Senhora da Batalha para falar do papel da Igreja diante dos operários e patrões. Tem este sermão, como ressalta Filipe de Figueiredo, uma história um pouco amarga. E se, no desabafo escrito pelo Padre Donaciano, lemos que «Deus fez os Bispos de carne e osso, não podendo dispensar os prazeres da autoridade, o sadismo do mando», também podemos observar a sua humanidade quando escreve que os padres são «capazes de beber, sem pestanejar, o cálix de todas as humilhações, sem pedir que Iho tire dos lábios!»; que «na nossa diocese é do melhor interesse mutilar o pensamento, deformar o carácter que seja límpido como um espelho onde todos os íntimos sentimentos se reflectam.»

Foi com esta mesma coragem que Donaciano de Abreu Freire chamou a atenção para o facto de, nas exéquias de Sidónio Pais, falar não como sacerdote, mas como «português» e «português de luto!». Neste texto, aliás, como noutros, nomeadamente no que ele dedica ao último rei de Portugal, podem-se ler ideias-forças que impregnaram a atmosfera mental portuguesa desde os finais do século XIX e que se traduziram, por exemplo, na Renascença Portuguesa e no Saudosismo. Sidónio é o «Desejado, o Encoberto, o Ignoto», cuja «aparição corresponde ao momento psíquico da raça em que ela se põe a morrer nas mãos de Deus, que, na sua misericórdia, suscita o Libertador a tempo.» Os despojos de D. Manuel II são «reliquias de um mártir do patriotismo e da saudade» e a queda da monarquia «produziu um estrondo formidável na manhã última do seu reinado, o ruído metálico do baque no chão de uma antiga armadura que o povo português se ajustou e usava há oito séculos nas lutas pela vida.»

Para além de um bom documento das ideias vigentes em Portugal no início do século e de um belo monumento à fé cristã, os dois novos volumes da obra do Padre

Donaciano são de leitura agradável: «uma rica candeia dourada», como disse D. Francisco, bispo resignatário de Quelimane, que afirma ter a oratória do pároco do Bunheiro agradado a muitos, embora não saiba se converteu alguém.

S. T. P.

CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Epistolae et orationes*. Edição facsimilada. Introdução de Américo da Costa Ramalho. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1988.

A comemorar o V Centenário da introdução da imprensa em Portugal, foi publicada, em fac-símile, a obra *Epistolae et orationes* de Cataldo Parisio Sículo.

Em nota de abertura, o Prof. José V. de Pina Martins, presidente da Comissão Executiva deste centenário, sublinha a importância cultural e o interesse do texto da obra de Cataldo e enaltece o *cursus laborum* do autor da introdução, o Prof. Américo da Costa Ramalho. O rigor filológico e crítico que este douto investigador põe nos seus trabalhos sobre o humanismo em Portugal, os quais se estendem dos primórdios da *latinitas* renascentista lusitana à obra de Camões, justificam cabalmente tal elogio.

A introdução do livro (p. 9-22) é uma súpula da investigação acurada do Prof. Costa Ramalho sobre o humanista siciliano, que veio para Portugal em 1485, com 30 anos de idade, para ser mestre do filho bastardo de D. João II, D. Jorge.

Nomeado Cataldo *orator regius*, é nessa qualidade que pronuncia a oração de entrada da princesa Isabel de Castela em Évora, em 28 de Novembro de 1490 e, ao serviço de D. João II e de D. Manuel, redige numerosas cartas diplomáticas em latim, que figuram no livro I das *Epistole*.

Este livro I tem o título completo de *Epistole et orationes quedam Cataldi Siculi* e foi editado em 21 de Fevereiro de 1500 por Valentim Fernandes, em Lisboa. O livro II, *Cataldi epistolarum et quarundã Orationum secunda pars*, é dado a lume cerca de 1513, sem data, nem lugar de impressão.

Nestes dois volumes se incluem ainda, além da correspondência com italianos e da *Oração pronunciada publicamente em Bolonha por Cataldo, em louvor de todas as ciências e da própria Bolonha*, muitas cartas dirigidas a D. Jorge, a D. João II, ao seu amigo D. Diogo de Sousa, futuro bispo do Porto e mais tarde arcebispo de Braga, a célebre oração latina proferida por D. Pedro de Meneses, com dezassete anos de idade, e a numerosa correspondência trocada com este seu discípulo, seus pais e tios, os Meneses e Noronhas da casa de Vila Real e ainda outras pessoas nobres.

Cataldo endereça as suas cartas sobretudo a personagens da corte ou ocupa-se de personagens da corte, pelo que constituem um extraordinário documento do Portugal da Renascença: a expulsão dos judeus, a expansão ultramarina, os interesses

dos nobres, as preocupações e esperanças de um povo, a sua gesta, a ambição do humanista em ser o seu cantor.

A importância e significado desta obra, que se estende por mais de centena e meia de *folias*, em letra gótica, bem desenhada e ornamentada, é agora de mais fácil acesso ao leitor erudito, que vê também a sua tarefa facilitada pela sugestiva e orientadora análise, que a acompanha.

NAIR N. CASTRO SOARES

JULIA KRISTEVA, *Étrangers à nous-mêmes*. Paris, Fayard, 1988.  
288 págs.

O fenómeno do exílio e a sua importância em termos de criação literária têm suscitado, de há uns tempos a esta parte, atenção crescente. Nos últimos dois anos, pelo menos dois congressos tiveram lugar, expressamente voltados para esta temática, o mais recente dos quais em Belgrado, em Outubro de 1988. Este título não será, por certo, alheio a essa tendência.

Não é, porém, do exílio, em sentido estrito, ou não é exclusivamente do exílio, que trata este novo livro de Julia Kristeva, mas sim desse outro fenómeno que vive paredes meias com o desenraizamento e do qual é, de alguma forma, indissociável — o estrangeiro ou, talvez melhor, o estranhamento ou estranheza.

O leitor é conduzido, ao longo das quase trezentas páginas, através de um percurso extenso, desde a Antiguidade aos nossos dias, com etapas (pontos de partida para a reflexão) em épocas determinantes da história da civilização ocidental.

Seleção polémica, em jeito de desafio, como é peculiar na autora, a obra mantém uma permanente dimensão simbólica, presente, desde logo, no capítulo introdutório, *Toccata et fugue pour l'étranger*: «Etrangement, l'étranger nous habite; il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine notre demeure, le temps où s'abîment l'entente et la sympathie» (p. 9).

Cercado por contradições insuperáveis e, por vezes, fatais (a terra prometida e a ameaça da destruição, a prisão ao passado e a fuga para um futuro nebuloso, o sonho e a nostalgia), o *estrangeiro* de J. K. povoa toda a nossa história: a Antiguidade Clássica (*Les Grecques entre barbares, suppliants et métèques*) ou Bíblica (*Le peuple élu et l'élection de l'étrangeté*); o Cristianismo (*Saint Paul et Saint Augustin: thérapie de l'exil et pèlerinage*); a Idade Média (*De quel droit êtes-vous étranger?*) e o Renascimento (*Cette Renaissance, «d'une contexture si informe et diverse»*); o século das Luzes (*Des Lumières et des étrangers*) e os dias de hoje (*L'Universalité ne serait-elle pas ... notre propre étrangeté?*).

Faltam, decerto, elementos importantes neste edifício e que a autora não tem em conta ou, pelo menos, não refere: Roma, em cuja história cultural e literária o exílio é elemento que não pode ser menosprezado (Ovídio, Cícero, Séneca são casos paradigmáticos, entre outros) e a outra face do Renascimento (a Dante, que pode

aceitar-se, sem reservas, como símbolo de todos os exilados da Itália conturbada dessa época e da que a precedeu, sucede o cosmopolitismo de Erasmo, o reverso da medalha). Tê-los em conta (e a tantos outros) teria confirmado ou teria, antes, desviado este percurso?

O título do capítulo final (*Pratiquement...*) é bem claro de que esta obra não pretende fechar vias, mas sim abri-las. Esse será um dos seus grandes méritos. As Danaides, Cristo, Dante, mais não serão que elementos de uma construção simbólica de onde parece resultar (incontestável? ameaçadora?) uma conclusão: este estrangeiro, de Julia Kristeva, é cada um de nós. Ou, dando razão ao título: cada um de nós tem em si o seu próprio estrangeiro.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES, *O bucolismo português: a égloga do Renascimento ao Maneirismo*. Coimbra, Livraria Almedina, 1988, 188 págs.

Há muito já que se fazia sentir a falta de uma obra que abrangesse, no seu conjunto, o bucolismo português de Quinhentos. De facto, os trabalhos nesse domínio cingiam-se, até agora, ao estudo das églogas de autores isolados ou, o que é ainda menos específico, não passavam de uma parcela reduzida de obras de índole global sobre a poesia de cada um desses autores.

Esta era, sem dúvida, uma lacuna grave, tanto mais por ser indesmentível que a poesia bucólica ocupa lugar de relevo na poesia portuguesa do séc. XVI.

O presente trabalho de J.A.C.B., que em boa hora a ele se abalçou para o apresentar como dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa à Faculdade de Letras de Coimbra, em 1987, e que agora, com toda a justiça, saiu a público, tem, desde logo, o mérito de ser pioneiro no preenchimento desse espaço.

O bucolismo português filia-se numa corrente europeia cujas tradições remontam à Antiguidade Clássica, e que tem nos *Idílios* de Teócrito e nas *Bucólicas* de Virgílio os seus modelos de maior fama e fortuna. O *Quattrocento* italiano (Sanazzaro, entre outros) deu-lhe um novo alento. Disto nos dá conta a breve síntese inicial (p. 19-28).

O autor volta-se, então, para os cultores do género na literatura portuguesa (caps. II a V), a partir de um *corpus* que inclui todos os nomes de maior significado: Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Camões, Diogo Bernardes, Sá de Miranda, Frei Agostinho da Cruz e ainda a égloga *Crisfal*, sobre cuja autoria continua a pairar a incerteza.

Relevando na égloga, quase por definição, o seu carácter dialéctico, é a partir dessa marca essencial que se estrutura o livro: *A Dialéctica introversiva do Tempo e do Espaço* — Bernardim Ribeiro e a *Crisfal*; *A Dialéctica estabilizada pelo cânone* — António Ferreira; *A Dialéctica do Enunciado* — Camões e Diogo Bernardes;